



### Na Mídia

30/05/2025 | [Valor Econômico](#)

## Geração de energia solar em compasso de espera

Descontos em tarifas e redução de custos da tecnologia envolvida nos projetos inflam mercado de geração solar centralizada

Cláudio Marques



A geração de energia solar centralizada envolve valores bilionários. E, em meio a um cenário de cortes na geração (curtailment), por infraestrutura insuficiente de linhas de transmissão e falta de demanda, o setor ainda prevê um ganho potencial de 125 GW de capacidade a partir de usinas em construção e a construir, que representam investimentos da ordem de R\$ 359,7 bilhões, informa a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar).

**Ampliou o apetite do setor o desconto nas tarifas de uso de sistemas de transmissão (Tust) e distribuição (Tusd). A Lei nº 14.120/21 previa que as empresas que entrassem com pedido de outorga até março de 2022 teriam 48 meses, a partir do recebimento da outorga, para concluir o projeto. "Houve mais de quatro mil pedidos de**

**outorga”, recorda Rosi Costa Barros, sócia da área de energia e recursos naturais do escritório de advocacia Demarest.**

“Entre as propostas viáveis, havia o risco de extrapolar os 48 meses”, conta. Por isso, com a MP 1.212, o governo prorrogou, no ano passado, por 36 meses, o prazo para a entrada em operação das usinas, de forma a assegurar que os projetos tivessem direito ao desconto de 50% nas tarifas. Agora, no novo prazo concedido no ano passado, dos mais de dois mil empreendimentos que se candidataram, 601 foram aceitos pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Desse total, 351 são usinas solares, perfazendo 15.796,79 MW. Segundo a Aneel, 117 usinas estão com obras em andamento.

## **IMPACTO DA MP 1.212/24**

**2.035** é o número  
de empresas inscritas

**601** é o total de projetos  
que foram aprovados

**27,96 GW** é a potência  
total dos projetos prorrogados

**54,9 GW** é a produção  
atual de energia solar (22% da  
matriz energética)

Para o presidente-executivo da Absolar, Rodrigo Sauaia, o benefício ficou ofuscado pela retração nos investimentos, em decorrência dos cortes, que não são resarcidos. De acordo com o consultor José Marangon, da MC&E, há muita geração e pouca carga. “E aí o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) tem que cortar; é o balanço entre carga e geração”, diz ele, que também é conselheiro do Instituto Nacional de Energia Limpa (Inel) e da Associação Brasileira de Geração Distribuída (ABGD). Mikael Djianian, sócio da consultoria McKinsey, diz que a redução dos custos da tecnologia envolvida nos projetos também contribuiu para aquecer o setor. “Muitos projetos que nossos associados iriam executar nos próximos três a cinco anos, agora estão em compasso de espera”, afirma. Para Marangon, a prorrogação dos descontos para as tarifas ajudou a desenhar o cenário atual.

A Shell foi uma das empresas a acionar o freio: anunciou o cancelamento de seus projetos atuais centralizados de energia solar e eólica desenvolvidos por meio de sua participação na Shell Brasil Renewable and Energy Solutions. “Como parte do nosso foco em desempenho, disciplina e simplificação, estamos sempre explorando maneiras de criar valor a partir do nosso portfólio de geração de energia. Entendemos que ajuste de portfólio é uma prática comum no setor”, diz a empresa em nota.



Outras companhias mantêm seus planos. A European Energy está em fase de estruturação do parque solar de Boa Hora, de 178 MW, em Tacaimbó (PE). “O mercado brasileiro de energia solar centralizada continua apresentando grande potencial, especialmente pelas condições naturais favoráveis. Entretanto, o setor de geração enfrenta dificuldades na comercialização de energia em contratos de longo prazo (PPAs) no mercado livre”, diz Thiago Arruda, vice-presidente da empresa para a América Latina. Presente no Brasil desde 2016, e com um parque solar de geração centralizada na Paraíba com capacidade instalada de 93 MW, a European Energy também tem dois parques eólicos em Pernambuco.

Manoel Lira, diretor-executivo da Enercom, empresa de desenvolvimento de projetos, reconhece que os cortes pegaram investidores de surpresa, mas diz que o momento é bom. “O Capex caiu e no curto prazo estamos vendo o preço da energia subir. Então, com o Capex baixo, você espera o melhor momento para fazer um contrato PPA”, diz. E aponta que os varejistas são um nicho interessante para o mercado. “São pequenos comércios que podem migrar para o mercado livre e comprar a energia por um preço um pouco mais alto em relação às grandes empresas da faixa de alta tensão”, afirma.

“No entanto, apesar da abertura do mercado livre para todos os consumidores do Grupo A, a procura de energia ainda pode ser suprida por fontes já existentes, sendo necessário um aumento real da procura para que novos projetos entrem em operação”, alega Djanian, da McKinsey. Segundo ele, os novos projetos tendem a ter capacidade instalada cada vez mais elevada. “Há uma crescente adoção de tecnologias mais eficientes, como painéis bifaciais e sistemas de rastreamento solar, que aumentam a produção de energia”, afirma.

